

Sarney quer apenas amigos no governo

BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO

Convencido de que dificilmente o plenário da Constituinte mudará o tempo de seu mandato (quatro anos), o presidente Sarney está disposto a reformular sua equipe ministerial para governar com os políticos que lhe são fiéis. Pretende concluir sua gestão apoiando os que o apóiam, mesmo evitando a palavra "retaliação".

Um dos planos antigos do presidente da República poderá ser finalmente posto em prática, a curto prazo: o de ter ao seu lado, na chefia do Gabinete Civil, o deputado Prisco Viana, atual ministro da Habitação. O ministro Ronaldo Costa Couto seria deslocado para o Ministério da Habitação ou iria presidir o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico Social (BNDES), isso se não se transformasse no novo ministro da Fazenda.

Parlamentares governistas acreditam que Prisco Viana poderá desenvolver o plano palaciano de beneficiar somente os que colaboraram com Sarney, em especial ficando contra o mandato de quatro anos, aprovado pela Comissão de Sistematização e a ser confirmado pelo plenário da Assembleia Constituinte.

O presidente está admitindo, nas suas conversas com políticos mais chegados, que a Constituinte deverá estabelecer o presidencialismo. Ele não quer aparecer como inimigo das eleições diretas em 88 e, por isso mesmo, não está disposto a mover um dedo para recuperar o mandato de cinco anos, estabelecido para os futuros presidentes.

Segundo parlamentares que frequentam com assiduidade os Palácios da Alvorada e do Planalto, o presidente é de opinião de que um ano a mais, um ano a menos, para ele, não irá solucionar a grave crise sócio-econômica. Diante do quadro realista, o presidente estaria disposto a terminar sua gestão redobrando esforços para amenizar, pelo menos, a situação das camadas menos favorecidas.

Sarney não quer realizar gestões para influenciar nas decisões da Constituinte. Mas pretende afastar-se dos que não o apoiaram na sua pretensão de só passar a faixa presidencial em março de 1990. Dentro do "novo" esquema, sempre prometido mas ainda não cumprido, o presidente passaria a agir politicamente, com os amigos fiéis, acima dos partidos.

O presidente não quer aparecer perante a opinião pública como inimigo das eleições diretas em 88. Por isso não pretende influir nas votações da Assembleia Constituinte que definirão a duração do seu mandato. O que ficar decidido será acertado.

Da mesma forma como se recusou, antes da votação da Comissão de Sistematização, a atender a algumas exigências de parlamentares para mudar o voto, não está mais disposto a fazer concessões em troca do mandato de cinco anos.

Se não está decepcionado com o comportamento de vários políticos, Sarney não esconde sua irritação com a atuação de muitos deles, que, claramente, lhe fizeram exigência, por via indireta, para não votar a favor do mandato de quatro anos. Como político e ex-parlamentar, o presidente conhece bem o jogo. Mas não quer mais participar disso, por entender que a posição do povo é outra — por eleição em 88. Já se convenceu de que, se o governo reabrisse negociações, seria até possível restabelecer a isonomia do seu mandato com o mandato dos futuros presidentes, fixado como regra geral em cinco anos. Mas não é sua intenção agir a favor de eleições em 89, por não desejar colocar-se como inimigo das diretas em 88, contrariando a opinião pública.

O presidente, em desabaços, tem dito que sua maior preocupação é tentar, com o maior esforço, realizar um bom final de governo. Seria a sua contribuição ao povo brasileiro; depois de ter percorrido todos os caminhos da vida pública — deputado, governador, senador, presidente. "Ele quer é escrever seus contos, seus romances, suas poetas" — disse o amigo do presidente. F.M.